

Textos para discussão **Política**

Raça e voto 2022: Percepções do eleitorado brasileiro.

Parte II

*João Feres Júnior
Carolina de Paula*

Março 2026

Apoio

Luminate
IBIRAPITANGA

Realização



gemmaa Grupo de Estudos
Multidisciplinares
de Ação Afirmativa

Textos para discussão **Política**

Expediente

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP

Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa

<http://gema.iesp.uerj.br>
gema@iesp.uerj.br

Coordenadores

João Feres Júnior

Subcoordenadores

Raissa Sales
André Felix

Comunicação

Hedylaine Boscolo
André Madruga

Pesquisadoras Associadas

Anna Carolina Venturini
Izabele Sá
Juliana Marques
Beatriz Fernandes Almeida

Capa, layout e diagramação

Izabele Sá

Apoio

Luminate
IBIRAPITANGA

Realização



gema Grupo de Estudos
Multidisciplinares
de Ação Afirmativa

27 \ Textos para discussão (gema)

Raça e voto 2022: Percepções do eleitorado brasileiro sobre política. Parte II

João Feres Júnior
Professor
IESP-UERJ

Carolina de Paula
Pesquisadora
IESP-UERJ

A Pesquisa Nacional “Raça e voto 2022”, conduzida no âmbito do Laboratório de Estudos da Mídia e da Esfera Pública (LEMEP) do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ), foi concebida para investigar a relação entre raça, formação de opinião política e comportamento eleitoral no Brasil. Este segundo relatório aprofunda a análise da dimensão racial do comportamento político, examinando as percepções do eleitorado sobre cotas raciais, ensino da história e cultura afro-brasileira, representação racial e escolhas eleitorais, com atenção especial às diferenças por raça, idade e religião.

Sumário

1. A pesquisa	5
2. Cotas raciais	5
2.1. Argumentos favoráveis	6
2.2. Argumentos contrários	8
3. Ensino da história e cultura afro	10
4. Experimento eleitoral	13
5. Política e religião	14
6. Perspectivas racializadas	16
7. Desilusão com a política	20
8. Análises comparativas	21
8.1. Idade	22
8.2. Raça	24
8.3. Religião	27
9. Conclusão	30

Realização



Apoio

Luminate

IBIRAPITANGA

gema

Grupo de Estudos
Multidisciplinares
de Ação Afirmativa

1. A pesquisa

Este relatório constitui a segunda parte da Pesquisa Nacional «Raça e voto 2022». A metodologia detalhada, a composição dos quarenta grupos focais realizados em capitais das cinco regiões do país e os resultados relativos aos temas gerais de comportamento político — problemas da vida cotidiana, hábitos de informação, critérios de escolha eleitoral e percepções sobre a subrepresentação política de negros — foram apresentados no primeiro relatório desta série.

O presente relatório dá continuidade a essa investigação, aprofundando a análise da dimensão racial do comportamento político. São examinadas, de forma mais sistemática, as percepções dos eleitores sobre políticas e agendas associadas à igualdade racial — notadamente as cotas raciais na educação e no emprego, o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas e a representação política de negros — e como tais temas se articulam com identidades sociais, crenças políticas e escolhas eleitorais. Os resultados são analisados comparativamente segundo as variáveis de raça, idade e religião, que estruturaram a composição dos grupos focais.

Ao combinar as duas etapas, o projeto oferece um retrato abrangente das relações entre raça, opinião pública e política eleitoral no Brasil contemporâneo, contribuindo tanto para o debate acadêmico quanto para a compreensão prática das dinâmicas de representação política no país.

2. Cotas raciais

Essa seção trata do tema das cotas raciais, na educação e no emprego. Os participantes assistiram a um vídeo acerca do tema, com vários intelectuais e militantes do movimento negro apresentando argumentos favoráveis. Em seguida, o tema foi discutido, inclusive suas justificativas e perspectivas.¹

Nuvem de palavras

Formada a partir do texto integral das transcrições de todos os 40 grupos focais, ao longo da discussão sobre as cotas raciais.²

.....
¹ Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=qvjyu4AeAOI>

² Os termos “negro”, “negro” e seus plurais foram retirados da lista das palavras pois eram muito frequentes, dificultando a leitura das outras palavras.



2.1. Argumentos favoráveis

Nuvem de palavras

Formada a partir do conjunto de falas favoráveis às cotas raciais em todos os 40 grupos focais.³



3 Os termos “negro”, “negro” e seus plurais foram retirados da lista das palavras pois eram muito frequentes, dificultando a leitura das outras palavras.

Análise

O tema das cotas raciais ensejou maior dissenso entre os participantes dos grupos do que o da representação política dos negros ou o do ensino da cultura e histórica afrobrasileira nas escolas, como vemos nas próximas seções. Dito isso, o apoio às cotas foi aproximadamente duas vezes maior do que sua rejeição, e mais intenso entre os participantes negros do que entre brancos e evangélicos, assunto que também será explorando mais à frente.

A razão mais utilizada para justificar as cotas foi a de que elas criam oportunidades para os jovens negros, oportunidades essas que antes não existiam. Muitas vezes, a expressão “igualdade de oportunidades” é utilizada, mas em outras ocasiões os participantes enunciam simplesmente o argumento de que as cotas aumentam as oportunidades disponíveis aos estudantes negros.

A razão da criação de oportunidades foi mencionada 3 vezes mais do que a reparação histórica, que ficou em segundo lugar. Aqui o argumento é de que as cotas são uma medida justificada como recompensa, ainda que parcial, pelos males e sofrimentos infligidos aos negros ao longo da história do Brasil, com destaque para a escravidão.

Quase tão frequente quanto a reparação foi o argumento de que a ação afirmativa é um mal necessário. Os participantes nesse caso dizem que, a despeito de seus “problemas”, as cotas promovem um bem maior que é dar oportunidades aos negros ou mesmo reparar os danos feitos no passado e no presente pelo racismo, preconceito e discriminação. Muitas vezes as opiniões são expressas de modo ambíguo ou mesmo paradoxal. As objeções são várias, mas parecem convergir em torno da percepção de que as cotas raciais violam o princípio da igualdade. Assim, tal argumento é frequentemente apresentado de forma adversativa: “apesar do fato de sermos todos iguais, é preciso ter cotas...”, ou “as cotas são necessárias, ainda que não devessem existir, pois somos todos iguais. Tal percepção às vezes vem associada à suposta humilhação por que passam aqueles que se beneficiam das cotas, que nesse caso são vistas como um privilégio.

A adesão a argumentos contrários às cotas é bem mais forte entre pessoas cuja história de vida, meio social e profissão não estão em contato próximo com a educação superior. Já os participantes que cursam ou cursaram ensino superior ou que têm contato frequente com pessoas com essa formação, tendem a ter uma visão muito positiva acerca das cotas raciais.

Falas

Com certeza, tem que ter igualdade de oportunidade. Esse negócio tem que acabar. A gente tem que ter igualdade de oportunidade. (mulher madura preta – Cuiabá)

Tem três pessoas que eu conheço que se formaram por causa das cotas. Eles criaram oportunidade onde não tinha. Eles se formaram na universidade pública e foi por causa disso que eu vi gente se formando. Eu acho que é isso. (homem jovem pardo – Curitiba)

Quantas pessoas estão naquela Batalha e não conseguem nada? É muito fácil falar contra

as cotas quando você não precisa batalhar. Com as cotas, facilita muito mais, até mesmo para o emprego. (homem jovem pardo – Salvador)

As cotas eu vejo como reparação histórica. Nós fomos privados de estudar, privados de nos desenvolver. E mesmo com essa reparação, hoje em dia é muito difícil ver um negro se formar no ensino médio, pois ele precisa parar de estudar para tentar conseguir um emprego. (mulher jovem parda – Rio de Janeiro)

A gente precisa da cota, é uma reparação social, sim. Depois da criação das cotas, o número de universitários negros aumentou, principalmente nos cursos de elite. (mulher madura preta – Belém)

Com certeza, tem que ter igualdade de oportunidade. Esse negócio tem que acabar. A gente tem que ter igualdade de oportunidade. (mulher madura preta – Cuiabá)

Eu acho que as cotas são um mal necessário. Porém, é preferível reconhecer o que a gente fez errado. De tentar reparar isso do que simplesmente fechar os olhos e dizer que eu não tenho nada a ver com isso. Quem fez isso foram gerações atrás. (mulher branca - São Paulo)

Tem três pessoas que eu conheço que se formaram por causa das cotas. Eles criaram oportunidade onde não tinha. Eles se formaram na universidade pública e foi por causa disso que eu vi gente se formando. Eu acho que é isso. (homem jovem pardo – Curitiba)

Quantas pessoas estão naquela batalha e não conseguem nada? É muito fácil falar contra as cotas quando você não precisa batalhar. Com as cotas, facilita muito mais, até mesmo para o emprego. (homem jovem pardo – Salvador)

Não deveria existir cota. Mas já que muitos são privados dos direitos constitucionais, que é a educação para todos, a cota foi criada para reparar uma injustiça. Não deveria ter cota na educação, devia ser igual para todos, para o branquinho, para o índio, para o negro. Para todos. Mas já que não temos educação de qualidade. O ensino estadual e municipal são defasados. E hoje, nos anos 20, nas universidades federais, tem um filhinho de papai que não paga nada e poderia pagar um ensino particular. Mas toma o lugar do outro. (homem branco - Brasília)

As cotas eu vejo como reparação histórica. Nós fomos privados de estudar, privados de nos desenvolver. E mesmo com essa reparação, hoje em dia é muito difícil ver um negro se formar no ensino médio, pois ele precisa parar de estudar para tentar conseguir um emprego. (mulher jovem parda – Rio de Janeiro)

A gente precisa da cota, é uma reparação social, sim. Depois da criação das cotas, o número de universitários negros aumentou, principalmente nos cursos de elite. (mulher madura preta – Belém)

Eu sou a favor e contra. Porque eu acho que deveria ter igualdade de oportunidades para todos. Não deveria ter necessidade de ter a cota? Porque o negro deveria ter a oportunidade de sempre, assim como branco. No ideal, não deveria ter, mas já que tem essa segregação, tem que ter a cota. (homem branco - São Paulo)

2.2. Argumentos contrários

Nuvem de palavras

Formada a partir do conjunto de falas contrários às cotas raciais em todos os 40 grupos focais.⁴

.....

⁴ Os termos “negro”, “negro” e seus plurais foram retirados da lista das palavras pois eram muito frequentes, dificultando a leitura das outras palavras.



Análise

Argumentos contrários às políticas de ação afirmativa apareceram espontaneamente nos grupos focais quando o tema foi colocado, com metade da frequência dos argumentos favoráveis.

Praticamente todas as falas contrárias se concentram em torno da ideia de que as cotas raciais violam o princípio da igualdade. Como vimos na sessão anterior, há pessoas que pensam dessa maneira mas ainda preferem as cotas pelos benefícios que trazem e, como vemos nessa sessão, há os que tomam essa suposta violação como veredicto contra essas políticas.

Tal posição está frequentemente associada à percepção de que os negros têm valor e que basta se esforçarem para alcançar melhores condições de vida. Alguns adeptos dessa leitura citaram explicitamente a palavra meritocracia, entendida como a busca pelo reconhecimento pelo mérito próprio sem levar em conta as desigualdades de oportunidades do ponto de partida. Em outras palavras, tal argumento ignora, propositalmente ou não, a questão da igualdade de oportunidades.

Novamente, as cotas são vistas como promovendo a humilhação e o rebaixamento daqueles que delas se beneficiam, por constituírem privilégio injustificado.

É importante ressaltar novamente que o posicionamento contrário às cotas raciais foi frequentemente assumido por pessoas que tinham informações parcas e distorcidas

sobre seu funcionamento e que aparentavam pouco contato com o mundo universitário ou mesmo com processos seletivos laborais que adotam essas políticas.

Falas

Hoje em dia as empresas contratam negros somente para completar a cota. Hoje em dia tem uma lei que as empresas tem que ter pelo menos um negro. Eu acho um absurdo essa coisa de cota no emprego, pois não devia ter preferência. (homem jovem pardo – Rio de Janeiro)

Sou contra as cotas. Se tem pra negro, tinha que ter para os brancos. Tem negro que se aproveita. (homem maduro preto – Rio de Janeiro)

Vamos pensar o seguinte, tem 50 negros e 50 brancos. Os brancos são mais inteligentes. Vamos fazer uma prova que entra só os negros? (homem maduro pardo – Fortaleza)

A gente precisa aprender como se colocar, se impor um pouco mais. Infelizmente a gente não tem uma pessoa para que a gente possa se espelhar. Nos Estados Unidos eles se espelham muito um no outro e acaba formando uma corrente de influência. Eu quero ser igual ele! Isso não acontece aqui. Quando é professor, seja o melhor professor, se for um empresário, ou quem quer que seja. A gente tem que buscar esse caminho. Dependem muito mais de nós, do que a gente ficar aguardando. Não sou favorável a cotas, porque as cotas ajudam, mas fica aquela..., sou mais favorável a meritocracia. (homem maduro preto – Curitiba)

Eu discordo em certa parte. Nós não queremos cota, nós queremos oportunidade de disputar com os brancos faculdade de emprego. Não precisamos de cota, não. Queremos mostrar o que nós somos no estudo mesmo. (homem maduro pardo – Fortaleza)

Eu sou contra essa questão das cotas. Porque gera uma desigualdade racial. A mentalidade, inteligência do branco e do negro é a mesma coisa. Não mudam por causa da economia. Eu sei que tem a questão da educação, que realmente é mais difícil. Mas creio que se a gente se conscientizar. A gente está sendo racista conosco mesmo. Eu nem vou estudar tanto, porque eu sei que eu teria essas vagas para entrar na faculdade, eu sou contra. (mulher jovem parda – Brasília)

3. Ensino da história e cultura afro

Nessa seção dos grupos focais, os participantes assistiram a um vídeo no qual intelectuais discutem a precária implementação da Lei 10.639/2003, que normatiza o ensino da cultura e da histórica da África e afro-brasileira nas escolas. Em seguida, o tema foi discutido.⁵

Nuvem de palavras

Formada a partir do texto integral das transcrições de todos os 40 grupos focais, ao longo da discussão sobre o ensino da história e cultura da África e afro-brasileira nas escolas.⁶

5 Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=VN6ojnCHD50&t=452s>

6 Os termos “negro”, “negro” e seus plurais foram retirados da lista das palavras pois eram muito frequentes, dificultando a leitura das outras palavras.

Para as crianças brancas, isso funcionaria como um antídoto contra o pedagogia racista inculcada nelas pela sociedade como um todo e, inclusive, por seus pais. Para as crianças negras, a aquisição desse conhecimento ajudaria a construir a autoestima, o orgulho próprio e a consciência negra. Essas falas frequentemente continham relatos de episódios de racismo e preconceito sofridos pelo falante ou por entes próximos.

Conectado à narrativa está o argumento de que tal ensino resgataria uma história esquecida ou ignorada pelo currículo escolar oficial vigente, que foi monopolizado por uma perspectiva que valoriza tudo que é branco e europeu. Esse argumento veio também misturado a reclamações de que o currículo tradicional da história do Brasil só retrata os negros como escravos, ignorando as contribuições que fizeram à história e cultura do Brasil. Ou mesmo ignorando que entre os ancestrais africanos dos negros brasileiros havia “príncipes e princesas”.

Houve também falas, em menor número, que identificaram no assunto o potencial de valorização das religiões afro-brasileiras e da cultura negra como um todo.

Quando perguntados se votariam em candidato que defendesse essa bandeira, as respostas foram bastante positivas.

Por fim, nos grupos de evangélicos surgiram algumas poucas vozes que desqualificaram o tema, argumentando que o combate ao racismo deveria ser feito também pelos pais e não somente na escola, pois o ensino seria responsabilidade dos pais.

Falas

Isso deveria ser desde a educação infantil. Minha filha chegou da escola dizendo que um menino foi repreendido porque chamou o outro de negro, de macaco. (mulher jovem parda – Rio de Janeiro)

Eu acho importante, porque isso começa desde pequeno. Você começa educar a criança, ensinando os princípios, não ter preconceito quanto amiguinho negro com amiguinho índio, que o amiguinho que fala outras línguas. Isso é muito importante. Começa desde o princípio. Ensinando a pessoa ter o respeito. (homem maduro pardo – Cuiabá)

Votaria sim. Conta a história da Europa, mas a nossa história não conta. Só fala que a gente era escravizado, mas não fala que lá na África eram engenheiros e arquitetos. Além disso, tem a questão da língua. A gente tem o iorubá e não é passada essa língua nas escolas. A gente não aprende a língua dos nossos antepassados. As crianças vivem no mundo branco. (mulher madura preta – Salvador)

Eu acho bastante importante. Posso dar um exemplo da minha filha prima? Ela é negra. Na escola, as meninas ficavam rindo e falando da cor dela. Isso me doeu muito. Isso não era para acontecer. Eu acho que sim. Eu acho que deveria. (mulher jovem parda – Belém)

Os professores não estão preparados para falar, principalmente se o professor tiver uma religião que eu impedi de falar das matrizes da cultura africana. Se. Eu acho muito importante, muito necessário. Porque a própria criança não entende, por exemplo. A gente sempre ouviu que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, só que quando eles chegaram, eles encontraram os índios. Eles encontraram, não descobriram. Desconstruir isso, é muito importante. (mulher madura parda – Salvador)

Acho importante a gente expor a importância do negro. A gente é um povo que está lutando sempre. O preconceito do branco é muito grande sobre o povo negro. Teria que ter nas escolas um tema muito abrangente para estar derrubando essa parede que tem entre o branco e o negro. (mulher madura parda – São Paulo)

Muito importante a gente conhecer a história das nossas ancestrais. Eu certamente votaria num candidato com essa bandeira. Se a criança recebe essa educação desde o maternal, desde pequenininha, muitas piadas racistas não existiriam. (homem maduro preto – Rio de Janeiro)

Concordo que esse ensino seria fundamental. Para nós, negros. (mulher madura preta – Fortaleza)

Eu acho muito importante. Não basta o Dia da Consciência Negra. O dia a dia não carrega essa herança nossa. A gente vê na televisão, nas novelas. Mas eles são escravos e empregados. Não mostra a nossa cultura como era, o reis e rainhas daquela época. Príncipes e princesas, a gente não tem esse conhecimento. (mulher evangélica - Salvador)

isso também é produto dos pais. Uma criança não nasce racista. Então os pais também são responsáveis por essa educação. (mulher evangélica - Cuiabá)

4. Experimento eleitoral

Os participantes foram instados a escolher, duas vezes, entre dois tipos de candidatos a deputado federal: (1) defensor das cotas raciais contra defensor de melhorias para o bairro ou comunidade; e (2) defensor das cotas raciais contra defensor da segurança pública. Esse experimento só foi conduzido nos grupos formados por participantes pretos e pardos.

Cotas vs. Bairro

O resultado desse experimento foi uma adesão às cotas quatro vezes maior do que a adesão ao candidato do bairro. Mesmo participantes que mostraram resistência parcial às cotas raciais, ao serem defrontados com a escolha, optaram preferencialmente pelas cotas.

Entre as justificações dadas para a escolha, todas espontâneas, a mais comum foi a de que as cotas beneficiam um número muito grande de pessoas em toda a sociedade, ao passo que benefícios para o bairro teriam um escopo bem mais reduzido e paroquial.

Pesa também contra os candidatos de bairro a imagem do político que só aparece em época de eleição, fazendo muitas promessas, para depois desaparecer por três anos. Tal figura está muito associada ao sentimento de desilusão com a política, fartamente enunciado por participantes de todas as capitais pesquisadas.

Cotas vs. Segurança

Nesse segundo teste, as cotas também venceram, mas por uma margem bem mais reduzida, não chegando à razão de 2:1 das preferências.

É difícil determinar as razões por trás dessa preferência, a não ser a obviedade de que a falta de segurança é de fato um problema concreto na vida dos grupos pesquisados, vide que ela apareceu frequente e espontaneamente na discussão sobre os problemas sociais.

Intolerância religiosa

A discussão sobre intolerância religiosa que se seguiu ao vídeo produziu resultados previsíveis, uma vez que é sabido que em situações de pesquisa qualitativa em que os participantes são instados a se manifestar sobre coisas ilegais ou moralmente ofensivas, a resposta padrão é a rejeição de tais práticas. Assim, a unanimidade dos que se manifestaram a respeito da intolerância religiosa foi por sua rejeição e pela afirmação da necessidade de respeito entre às diferenças religiosas e pela afirmação da liberdade para cada um cultivar suas próprias crenças.

Houve relatos de ex-devotos de religiões de matriz africana agora convertidos ao protestantismo evangélico e de participantes que tinham parentes próximos, como genitores, irmãos e filhos que são devotos dessa religiões. Contudo, alguns participantes, ao invés de reconhecerem a discriminação sofrida pelas religiões afrobrasileiras, reagiram ao vídeo dizendo que os evangélicos também são vítimas de discriminação e de intolerância religiosa. É fato que também existe preconceito no Brasil em relação aos evangélicos, mas, por outro lado, não é possível descartar aqui o emprego de uma estratégia re-tórica de desqualificar a questão originalmente colocada.

Escolha do voto

Quando perguntados se religião e política devem se misturar, ou se veem algum problema nessa mistura, as opiniões se dividiram ao meio, com posições bastante opostas acerca do assunto: os contrários intensamente rejeitaram a ideia como um tipo de abominação, desvirtuação dos propósitos da religião, ao passo que os favoráveis à mistura argumentam que política e religião lidam com as mesmas coisas, valores e a organização coletiva das pessoas, e, portanto, não devem se separadas. É interessante notar que alguns poucos adeptos da separação entre política e religião afirmaram explicitamente a necessidade de o Estado ser laico, dizendo inclusive que uma pessoa religiosa, depois de eleita, tem que pesar suas atitudes a fim de que essa religiosidade não interfira em suas decisões.

Ao serem perguntados se levam em consideração a questão religiosa na escolha do voto, ou seja, se valorizam a religião do candidato, a divisão entre as opiniões ficou longe do equilíbrio entre os pólos. As respostas positivas foram 3 vezes mais frequentes que as negativas.

Falas

Acho que o respeito é a base de tudo. A partir do momento que a gente respeita outra pessoa, independente de cor e religião, as coisas ficam melhor. Eu sou evangélico, por exemplo, minha mãe já foi espírita. Quando a gente não concorda com outra pessoa, tem que resolver na base do diálogo. O respeito é fundamental. A pessoa não é obrigada a professar a mesma fé que você, mas se a pessoa vêm conversar, você pode expor o que ela pensa da mesma maneira que você está. Liberdade para pessoas falar o que ela pensa. (homem evangélico - Rio de Janeiro)

Eu adoro esse tema. É um tema bem comum na minha família. Eu vim da região evangélica. Eu sempre tive uma mente muito aberta para tudo. Sempre gostei de conhecer. Se eu não entendo, eu gosto de perguntar. Eu gosto de ter amizade com todas as religiões possíveis. Eu gosto de conhecer. Tenho amigos de todas as religiões possíveis. Tem muitas pessoas que vão determinar as religiões. Se sentem superiores e únicas como se só a religião delas tivesse salvação. Era o que acontecia na minha família. Eu acredito que uma pessoa vai ser salva pelo coração, pela caridade, como tá escrito na bíblia. Muita gente é um ambiente muito fechado para esse tipo de coisa. (mulher evangélica - Curitiba)

No vídeo não vi nenhum exemplo sobre a intolerância ao cristão. Eu já vi, por exemplo, na parada gay, Jesus exposto de maneira que ofende. Isso é uma intolerância religiosa. Existe essas 2 vias. (homem evangélico - Brasília)

Na minha concepção, não tem que ter mistura de religião com política. Nós somos um país laico e secular. O governo não tem poder de mandar seu pensamento religioso, de impor. Independente de quem é da umbanda, do candomblé kardecista evangélico. Acaba caindo no preconceito. A pessoa não presta porque ela é negra, é do candomblé? Nosso país é laico, secular. (homem evangélico - Rio de Janeiro)

O oposto do amor é o poder. Eu acho que ele é o cara, o Bolsonaro. Nenhum presidente na história do Brasil, professor, tanto a fé e falou em nome de Deus como ele. Ele está batendo de frente contra o sistema. Mas é um cara que está à frente, está representando tanto o povo religioso e os que não são. Eu acho que o Bolsonaro teve intervenção divina. Ele é o escolhido. (mulher evangélica - Brasília)

Bolsonaro não representa cristão nenhum. A gente não pode votar num político, num partido que está contra o evangélico. Em primeiro lugar, eu vou honrar o meu Deus. Ele não pode fazer nada que está contra o que está ali escrito. Não adianta ter partido que é contra o evangelho. (mulher evangélica - Salvador)

O pastor não deixa candidatos evangélicos se manifestarem dentro da igreja. Ele não gosta de usar o público para fazer campanha. Se quiser fazer campanha, fora do templo pode fazer. Todo mundo é livre. Quanto à questão de evangélicos políticos, eu sou a favor que tenha. Nós temos uma bancada evangélica. Tem outras pessoas que estão voltando a favor do aborto, a favor do casamento homossexual. Eu não sou a favor. Nós temos que fazer isso porque estão. Querendo projetos para levar para a escola, para as nossas crianças, para que se torne normal o convívio entre 2 pessoas do mesmo sexo. A forma de combater através de lei, para isso tem uma bancada evangélica. Nós precisamos de pessoas para combater isso lá. (homem evangélico - Belém)

6. Perspectivas racializadas

Análise de falas enunciadas de um ponto de vista no qual a posição racial do falante foi relevante.

Nuvem de palavras

Formada a partir do texto integral das transcrições de todos os 40 grupos focais, para os códigos classificados como perspectiva racializada, ou seja, aplicados a falas que manifestavam um entendimento das relações sociais no qual o elemento racial estava presente.

Já tinha pensado. A nossa raça tem se levantado para isso agora. (mulher madura parda – Brasília)

Muito importante a gente conhecer a história dos as nossas ancestrais. Eu certamente votaria num candidato com essa Bandeira. Você é criança. Se a criança recebe essa educação desde o maternal. Eles terem desde pequenininho. Muitas piadas racistas não existiriam. (mulher madura preta – Rio de Janeiro)

É importantíssimo, necessário que haja esse tipo de educação. A gente se identifica com as histórias. A gente precisa do outro. Das histórias pra gente se reconhecer. Se não houver essas histórias, não se reconhece. (mulher madura parda – Salvador)

O meu pai era um negro bem negro. Mas eu tenho muito orgulho do meu pai. Eu não trocarei meu pai por nenhum branco. O negro luta pelo que quer. A gente tem que se unir e defender uns aos outros. Porque o negro é capaz. Ele luta para o que for. Desde pequeno, até conseguir. Muitos. Não querem dar oportunidade. Mas o negro é muito mais capaz do que qualquer branco. (mulher madura parda – Fortaleza)

As escolas só discutem a religião católica. Nossa cultura, o candomblé, afro-brasileiras, dos nossos orixás, isso não é ensinado. A nossa cultura mesma não é passada. A gente só ouve na escola que o negro veio no navio negreiro, foi chicoteado e que a princesa Isabel libertou. (mulher madura parda – Rio de Janeiro)

Isso tem que ter, isso faz parte da nossa história, é super importante a gente estar consciente. Entender da onde surgiu, o porquê, porque que é assim. As pessoas vão ter mais respeito. Vão crescer mais maduras. É diferente. Se tivesse, seria muito importante. (homem maduro preto – Curitiba)

Relatos de racismo e discriminação racial

No decorrer das conversas surgiram espontaneamente relatos de racismo e discriminação racial, às vezes sofridos pelos próprios participantes, outras por seus amigos e parentes, ou mesmo por pessoas as quais não tinham relação próxima.

O tipo mais comum desses relatos diz respeito ao dano emocional sofrido pelas vítimas de racismo. Esses foram momentos bastante emocionais da pesquisa, pois os falantes estavam expondo situações de humilhação sofridas por eles ou, às vezes, por pessoas próximas, muitas vezes relatando seu sofrimento psicológico em decorrência do tratamento racista.

Houve referências à discriminação sofrida em situações de seleção de emprego, mas a maioria dos episódios narrados tinham a ver com interações sociais em espaços urbanos ou escolares.

Relatos de racismo foram frequentes inclusive nos grupos de evangélicos e de brancos, ao serem debatidas as questões relativas à desigualdade racial.

É interessante notar que as cotas foram citadas várias vezes como um antídoto contra essas situações de humilhação social motivadas pelo racismo.

Falas

Acho que as crianças tem que ter acesso sim. A minha filha sentiu na pele. Ela entendeu a ofensa, que foi de um adulto. Chegou em casa muito triste. Mesmo sendo criança ela entendeu. Mas quis alisar o cabelo. Sou espírita, e minha mãe de santo e meu pai me ajudaram a falar com ela para ela aceitar o cabelo dela. (mulher jovem parda – Rio de Janeiro)

É como a colega falou. Tem que acabar com esse racismo. Eu tenho uma neta que é bem negrinha e outras que são bem clarinhas. eu tenho preconceito aqui dentro de casa. Ela tem 4 anos e não tá querendo ir para o colégio. Se a gente ficar desse jeito, o Brasil nem vai pra frente. (mulher madura parda – Cuiabá)

Eu acho que os negros são muito discriminados no Brasil. Eu mesmo já sofri discriminação. Uma vez eu estava dentro de um ônibus. Eu estava trabalhando na empresa de táxi. De atendente. Entrei no ônibus, sentei ao lado de uma Senhora. Eu sentei do lado da bolsa dela. Quando ela viu, trocou bolsa pro outro lado. Eu falei para ela, você tem algum problema. Eu percebi que isso é preconceito por causa da minha cor. Se fosse um branquinho, ela não teve esse tipo de atitude aí. Eu me senti super ofendido nesse dia. Sou a favor das cotas. (homem maduro pardo – Belém)

Eu não sofria claramente, mas indiretamente sofria. Mas a minha filha quando tinha dez anos, eu sempre trançei o cabelo dela, chegou chorando porque um coleguinha disse que ela não tinha cabelo, porque ela era preta. (mulher madura parda – Rio de Janeiro)

Não ia falar sobre as cotas, mas sobre o racismo como um todo. Eu já tive bastante constrangimento também porque uma vez estava indo para o trabalho com uma bolsa grande e me pararam, me pararam porque. Eu fiquei bastante constrangida. Eu acredito muito no racismo. Eu acho que as cotas deveriam continuar, porque já tem tanto preconceito, tanto racismo, e seria uma oportunidade. (homem maduro pardo – Belém)

A experiência de vida negra

No que toca o aspecto específico da representação política foi bastante abundante a percepção de que somente aqueles que passam pela experiência da discriminação e do racismo, ou seja, os negros, são capazes de compreendê-la e, portanto, fazer alguma coisa para combatê-la.

A ideia não é que os representantes brancos perpetraram ativamente o racismo, mas que são muitas vezes insensíveis a ele por não terem passado pela experiência ao longo de sua vida.

Falas

É muito mais que necessário ter alguém lá dentro que possa representar a gente, a pessoa que é branca não vai saber. Ela pode até não ser contra, mas ela não sofre na pele. Ela não vai saber como é que é. A necessidade de ter uma pessoa negra que realmente representa. Procurar. Se for procurar bem. Tem bastante, aí que representa mais. O povo tem aquele padrão Branquinho de olho azul, cabelo loiro e por aí vai. (homem jovem pardo – Curitiba)

Eu acho que é uma situação de evolução, de orgulho para a gente. Querendo ou não, mais pessoas negras representando, eles sabem o que passaram. São as mesmas dores que a gente passa. Então eu acho muito importante. Se eles passaram, tem aquela probabilidade de eles fazerem mais pela gente. Não é uma pessoa branca que vai chegar lá que nunca passou por nada que nós, negros, passamos e vai lá nos representar. (homem jovem preto – Salvador)

Então, eu acho que melhoraria. Por serem negros, eles sabem o que nós, negros, passamos. Eles sentem na pele. (homem maduro pardo – São Paulo)

Eu acho que quem tem a cor da pele. Que sabe o que passa, o que sente. Eles vão estar representando a cor e falando como maioria. É importante ter pessoas negras aí. (todas concordam) (mulher jovem parda – Curitiba)

Para além da desilusão racialmente motivada, revelada na discussão sobre subrepresentação política dos negros, é muito provável que a prevalência desse sentimento para com a política seja também consequência da onda lavajatista que varreu o país ao final da década passada, e teve como consequência máxima a eleição de Bolsonaro.

Muitas vezes a desilusão com a política chega ao ponto da justificação do voto nulo. Essa opção radical de rejeição do sistema eleitoral da democracia representativa está ligada ou à percepção de que os políticos prometem muito mas depois de eleitos não cumprem, ou à falta de informação acerca das ações dos representantes.

Falas

Eu não tenho hábito de pesquisa. Porém estou na dúvida entre direita e esquerda e ultimamente estou olhando mais. Tenho dúvidas entre direita e esquerda. Tenho comigo que quem entrar vai roubar e não vai fazer nada. (mulher jovem parda – Rio de Janeiro)

Eu acompanhava, mas parei. Hoje em dia não acompanho, não gosto. Política no Brasil é como piada. Os deputados passam um projeto hoje em dia e passam outro junto. Para que serve a política? A gente já não sabe mais. (homem maduro pardo – Curitiba)

Eles só aparecem quando é época de política. Falam um monte de coisa que vão fazer, que vão acontecer, mas nada. Só prometem. (mulher madura parda – Cuiabá)

Eu tento acompanhar, mas a política brasileira é desanimadora. Político brasileiro fala, fala e não faz nada. É o meu país, meu estado. Mas que é desanimadora. (mulher madura parda – Salva-dor)

Eu não me interessa muito sobre política mesmo. Não gosto de ver nada. (homem jovem pardo – Belém)

Acabo votando nulo. porque a nossa democracia é uma coisa maquiada. Antigamente eu era mais ligada na política. Mas as pessoas mostram aquilo que elas querem mostrar. As partes boas, mas as partes ruins elas escondem. Eu votei nulo para deputado nas últimas eleições. (mulher jovem parda – Curitiba)

Essas 2 últimas eleições que teve, eu não votei em ninguém, eu anulei meu voto, não tive coragem de votar em ninguém. Eu até assisti alguma coisa assim, mas eu não consegui votar. E nessa, eu não sei se vou voltar de novo, eu acho que vou anular de novo. Eu me sinto uma palhaça de tanta promessa. (mulher madura parda – São Paulo)

Eu não acredito muito, pois os candidatos falam muito e não fazem nada. Eu sigo minha intuição. Quando não sinto isso, eu anulo o meu voto. (mulher jovem parda – Rio de Janeiro)

8. Análises comparativas

Nessa seção exploramos comparações possíveis feitas por meio do cruzamento das variáveis filtro utilizadas para a seleção dos grupos.

8.1. Idade

Problemas sociais

No computo geral, os jovens foram proporcionalmente mais propensos a relatarem problemas sociais que os mais velhos.

Contudo, os participantes mais velhos se mostraram duas vezes mais preocupados com a economia que os mais jovens. Essa intensidade se replicou em todos os itens da agenda econômica, e particularmente nas preocupações com a alta do custo de vida.

A mesma proporção de 2 para 1 em favor dos mais velhos se repetiu no que toca a saúde. No quesito educação, eles também mostraram-se significativamente mais preocupados que os mais jovens.

Essas diferenças são provavelmente produto do fato de os mais velhos terem maior responsabilidade financeira, estarem praticamente todos no mundo do trabalho, ou fora dele involuntariamente, e serem muitas vezes arrimos de família, ou seja, terem dependentes. Muito mais jovens ainda eram estudantes que moravam com os pais, e, portanto, menos preocupados com os efeitos da crise econômica.

É digno de nota que os mais jovens se mostraram duas vezes mais preocupados com a segurança e significativamente mais preocupados com a má qualidade dos transportes que os mais velhos.

A pesquisa não foi desenhada para focar na questão da violência e segurança pública, mas como os participantes pertenciam exclusivamente às classes C, D e E, e eram todos moradores de capitais populosas, é muito provável que essa percepção de insegurança advinha da situação de risco enfrentada pelos jovens negros nas periferias das grandes cidades brasileiras.

Informação política

O interesse por informação política foi declarado em proporções iguais por participantes jovens e maduros. As diferenças residem no perfil de hábitos de consumo de canais de informação. Como era de se prever, os participantes mais velhos têm o dobro da predileção por noticiários televisivos do que os mais jovens. Já os mais jovens consomem mais intensamente a internet do que os mais velhos, mas a diferença não é tão grande.

Os mais jovens também declaram duas vezes mais o hábito de consumir “todos” os meios de informação disponível. Em suma, o maior destaque vai mesmo para a fidelidade dos mais velhos à televisão.

Um detalhe interessante é que apenas uma menção foi feita a jornais impressos em toda a pesquisa. Contudo, os participantes em geral empregam a palavra “jornal” para significar telejornal. Ou seja, no português corrente, a palavra jornal parece não mais denotar claramente o meio impresso.

Contudo, quando perguntados sobre as especificidades da informação política que conso-mem, os jovens declararam duas vezes mais que os maduros só buscar esse tipo de informações na época de eleição. A taxa de jovens que declara ter parca informação sobre deputados é menos da metade da dos mais velhos.

Os mais velhos também declaram mais frequentemente admirar políticos específicos, outra evidência de maior atenção às coisas da política. Até as referências a Marielle Franco foram mais frequentes entre os mais maduros do que entre os mais jovens, resultado até certo ponto contraintuitivo.

Escolha do voto

Os mais velhos declararam mais intensamente seguir a indicação de amigos e parentes. Já a preferência por conferir a plataforma partidária foi praticamente igual. O mesmo pode se dizer da preferência por candidatos de bairro.

Representação política de negros

Os jovens manifestaram mais entusiasmo pelo aumento percebido de representação dos negros do que os mais velhos, ainda que isso tenha aparecido nos dois grupos de idade.

No que toca os motivos da subrepresentação de negros, a separação por idade não revelou diferenças notáveis, com a exceção de uma tímida vantagem dos jovens na identificação da “falta de consciência” dos negros em relação ao problema. Em outras palavras, ambos os grupos foram unânimes em identificarem, com semelhante intensidade, o preconceito e o racismo como a principal causa.

As consequências do aumento da representação dos negros na política são imaginadas de maneira diversa pelos grupos de idade. Os mais jovens apostam que o aumento de negros na política facilitaria o acesso de mais negros a cargos de representação política. Já os mais velhos dão mais valor à melhoria da condição de vida dos negros via aumento de sua representação. No quesito do combate ao racismo, como consequência do aumento hipotético da representação negra, os grupos empatam.

Cotas raciais

Jovens e maduros mostraram-se em sua maioria favoráveis às cotas raciais, com os primeiros assinalando intensidade ligeiramente superior.

A justificativa da criação de oportunidades ou da igualdade de oportunidades foi dominante nos dois grupos igualmente. Os jovens mostraram-se duas vezes mais dispostos a utilizar o argumento da reparação histórica do que os mais velhos. Por outro lado, esses inverteram a proporção no que toca o uso do argumento do “mal necessário”, o que denota uma maior reticência dos mais velhos no que toca o apoio a essas políticas.

No que toca à manifestação de opinião contrária às cotas, os mais velhos o fizeram duas vezes mais que os mais jovens. Como a dominância do argumento de que as cotas violam o princípio da igualdade é grande, a mesma proporção se verificou na distribuição etária desse argumento.

Ensino da história e cultura afrobrasileira

Os mais velhos mostraram adesão mais intensa ao ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Isso provavelmente tem a ver com o fato de haver mais progenitores nesse grupo do que entre os mais jovens. Tal diferença se reproduz na adesão ao argumento de que esse ensino deveria ocorrer desde a mais tenra infância, o que denota uma preocupação especial com crianças.

Há também uma clara superioridade dos mais velhos no que toca a adesão ao argumento de que tal ensino combateria o preconceito e o racismo. Como vimos acima, esses dois argumentos estão ligados pela ideia de que a necessidade de se ensinar crianças reside exatamente inculcar o respeito pelos negros e sua história e debelar preconceitos.

Experimento eleitoral

Os mais velhos optaram pelo candidato do bairro duas vezes mais que os jovens, ainda que o apoio geral ao candidato a favor das cotas seja bastante intenso em ambos os grupos.

No agregado dos participantes por idade, não houve diferença alguma entre jovens e mais velhos no que toca a escolha entre o candidato das cotas raciais e o candidato da segurança pública. A preferência pelas cotas foi duas vezes maior do que pela segurança em ambos os grupos.

Desilusão com a política

Os mais velhos se mostraram significativamente mais desiludidos com a política do que os mais jovens. Isso pode ser consequência de os mais jovens não serem tão envolvidos com o assunto. Muitos declararam só procurar esse tipo de informação quando das eleições.

8.2. Raça

Problemas sociais

Na comparação geral, pretos e pardos mostraram-se igualmente sensíveis aos problemas sociais. As diferenças surgem nos detalhes.

Pardos reclamaram bem mais da má situação econômica que os pretos, em particular dos quesitos desemprego e inflação. Os participantes autodeclarados pretos relataram mais os problemas da pobreza e fome, comparativamente. Já os participantes brancos reclamaram menos do mal estado da economia, em comparação aos outros participantes.

Os pretos também mostraram-se duas vezes mais sensíveis aos problemas da má qualidade da educação que os pardos e brancos.

A saúde foi uma preocupação muito saliente em toda a pesquisa, mas pretos novamente se destacaram em relatar esse problema duas vezes mais que pardos e brancos.

Já no tocante à segurança, pretos e pardos praticamente empatam, enquanto os brancos mostram sensibilidade bastante mais alta em relação ao problema. O mesmo se dá em relação ao transporte, com os participantes brancos liderando nesse problema, que nesta categoria de participantes se equipara à saúde em grau de intensidade.

Escolha do voto

Os participantes pardos foram os que mais frequentemente indicaram preferência por candidatos do bairro ou da comunidade e também os que mais disseram dar atenção ao partido. Já os participantes pretos optaram com mais frequência que os outros pela indicação de amigos e parentes. Os brancos tiveram uma baixíssima adesão ao partido como motivação da escolha eleitoral e, por outro lado, foram o grupo racial que mais declarou pesquisa o histórico do candidato para formar a opinião. Ainda que possa não ser muito aparente, essas duas visões na prática são muitas vezes articuladas nos discursos dos participantes.

Representação política de negros

Aos desagregarmos pela idade, notamos que os pretos maduros e os jovens pardos são bem mais otimistas no tópico da representação racial na política do que os pardos maduros. Já os participantes brancos, se comparados aos participantes negros, demonstram enorme desconhecimento sobre o assunto, baixa sensibilidade em relação ao problema da subrepresentação, quando não forte rejeição à ideia de que a escolha do voto deva levar em conta a cor do candidato.

No geral, pretos, pardos e brancos concordam em atribuir ao racismo e preconceito societal a causa da subrepresentação de negros na política.

No tópico sub-representação dos negros, os jovens pardos e os pretos mais velhos apresentaram sensibilidade muito maior ao motivo da falta de consciência racial do que os pardos mais velhos. Mas no que toca os outros dois motivos mais mencionados, falta de recursos/oportunidades e preconceito racial, as três categorias se igualam.

Quando perguntados acerca das consequências do aumento da representação de negros na política, os participantes pretos e pardos dão preferência à ideia de que ele contribuiria para a melhora das condições de vida dos negros. Essa foi contudo uma consequência pouca expressa pelos brancos, que deram preferência bem mais acentuada à ideia de que tal aumento ajudaria no combate ao racismo e à discriminação. Não é que pretos e pardos não tenham dado atenção ao combate ao racismo, mas suas opções parecem ser mais articuladas às consequências práticas da desigualdade racial em nossa sociedade, enquanto os brancos optam por algo mais abstrato.

Cotas raciais

No agregado o balanço entre favoráveis e contrários foi bastante similar para pretos, pardos e brancos. A diferença entre os grupos residiu nas razões e argumentos adotados. A igualdade de oportunidades, ou promoção de mais oportunidades para os negros, foi o argumento favorável mais utilizado por participantes em geral, mas sua intensidade variou bastante. Brancos escolheram esse argumento duas vezes menos que negros (pretos e pardos).

Por outro lado, a ideia de reparação histórica, o segundo argumento mais comum na amostra, foi significativamente mais utilizada por brancos do que por negros. Já o argumento do mal necessário, que teve frequência quase igual ao da reparação, foi adotado por participantes brancos, pretos e pardos em proporções similares.

O dado mais destoante, contudo, é alto grau de adesão dos participantes brancos a posição de que são favoráveis às cotas sociais apenas, e não raciais.

Quando cruzamos raça e idade, alguns resultados interessantes aparecem. A adesão à justificativa da reparação histórica parece estar mais relacionada mais com a idade do que com diferenças entre pretos e pardos, pois os jovens pardos a utilizaram quatro vezes mais que os maduros pardos, ainda que os pretos maduros tenham utilizado esse argumento duas vezes mais que os pardos da mesma faixa etária. Tal resultado se encaixa na maior adesão dos pardos maduros ao argumento do “mal necessário”. Os pretos maduros utilizaram-no duas vezes menos e os pardos jovens ainda menos, o que indica um efeito de idade maior do que o racial, ainda que os dois estejam presentes.

No âmbito das falas contrárias à ação afirmativa racial, o argumento da violação da igualdade entre as pessoas foi de longe o mais comum em todos os grupos e categorias raciais. Mas brancos e pardos o endossaram mais do que pretos.

Quando cruzamos o dado racial com a idade dos participantes, notamos que os pardos maduros mostraram-se mais de duas vezes mais contrários à ação afirmativa do que os jovens pardos, confirmando a importância da idade nesse tipo de posicionamento, e mais que os maduros pretos, confirmando também a presença de um efeito racial. Essa proporção de intensidades se repete quanto ao uso do argumento da violação da igualdade.

Ensino da história e cultura afrobrasileira

Nesse tópico houve concordância quase perfeita entre as categorias raciais de participantes, com exceção de algumas diferenças mais sutis. Os pretos foram mais ativos que os pardos nesse debate, apresentando mais argumentos em apoio à iniciativa.

É digno de nota o fato de os brancos mostrarem enorme desconhecimento sobre o assunto e até alguma indiferença, marcada pelo pouco engajamento dos participantes na discussão, dado que se contraste com os grupos de pretos e pardos, nos quais esse assunto despertou grande interesse.

Os participantes brancos foram os que mais utilizaram o argumento de que o ensino da história e cultura afrobrasileira combateria o racismo e o preconceito, seguidos dos pardos maduros nesse quesito. Essa adesão mais pronunciada ao argumento do racismo por parte dos brancos foi notada em outras seções e parece se assentar muitas vezes em um entendimento convencional das questões raciais, ou seja, toda vez que alguma desigualdade racial colocada em debate, atribuem ao racismo sua causa. Esse resultado é até certo ponto previsível, uma vez que os brancos, por não sofrerem discriminação racial, dependem de seu poder de observação e empatia para interpretá-la, disposições que variam muito de pessoa para pessoa. Já os negros tem uma experiência direta como objetos de discriminação e, portanto, uma compreensão mais nuançada da matéria e, inclusive, maior disposição para falar sobre o assunto.

Experimento eleitoral

No geral, pretos e pardos tiveram comportamento similar em ambas as situações, sempre apoiando o candidato das cotas, mas com mais intensidade quando em competição com o candidato do bairro do que quando em competição com o candidato da segurança.

Quando raça e idade são cruzadas, observamos que os pardos maduros são de longe o grupo que mais optou pelo candidato de bairro, dado que confirma sua posição relativa em relação às cotas observada anteriormente, se comparados a pretos maduros e pardos jovens. Ainda assim, mesmo nesse grupo, a escolha do candidato das cotas foi duas vezes mais frequente que o do bairro.

Quando raça e idade são cruzadas, observamos fenômeno similar ao do item anterior, porém mais intenso. Os pardos maduros foram de longe o grupo que mais preferência mostrou pelo candidato da segurança, na proporção aproximada de 2 para 1. Já os pretos maduros assumiram posição bem diferente, com preferência pelas cotas sete vezes mais intensa do que a preferência pela segurança. Os pardos jovens também preferiram as cotas, duas vezes mais do que a segurança.

Desilusão com a política

A desilusão com a política foi manifestada de maneira generalizada nos grupos, mas os pardos o fizeram com maior intensidade que as outras categorias. Quando raça e idade são cruzadas, notamos que novamente os pardos maduros se destacam, agora liderando no quesito da desilusão: duas vezes superior a demonstrada pelos outros grupos.

8.3. Religião

Problemas

Nesse tópico os participantes evangélicos se diferenciaram dos outros grupos por sua maior preocupação com o problema do transporte, o que pode ser um resultado fortuito sem maior importância, e também por reclamarem relativamente menos da crise

econômica. Entre os diferentes problemas da economia, os participantes evangélicos se limitaram a reclamar da falta de empregos, mas não da inflação, pobreza ou mesmo fome, como fizeram os outros participantes.

Essa leitura mais otimista da economia pode estar ligada à presença de bolsonaristas convictos nos grupos de evangélicos, algo muito raro nos grupos de pretos e pardos.

Informação política

No que concerne os hábitos de consumo de informação política não houve diferenças significativas entre evangélicos e os outros grupos: todos declaram maior adesão à internet, mas com um contingente significativo de pessoas que ainda assistem a programas noticiosos televisivos, notadamente os participantes mais velhos.

Escolha do voto

No geral, o perfil de motivos para a escolha do voto dados por evangélicos é similar ao dos outros grupos, com as mesmas intensidades relativas de adesão à pesquisa da biografia do candidato, às indicações de amigos e familiares e a propensão de votar em candidatos do bairro.

Contudo, uma diferença importante nas respostas desses grupos nos levou a criar um novo código para capturar a opção “indicação da igreja”, pois essa resposta não havia surgido nos grupos de pretos e pardos, que foram feitos algumas semanas antes dos grupos de brancos e evangélicos. Houve uma única incidência do código nos grupos de brancos, mas o participante era também evangélico – não aplicamos filtro de religião nos grupos raciais.

Tal resultado não pode ser interpretado como uma tendência geral de todos os evangélicos seguirem indicações de suas igrejas na escolha de candidatos. Pelo contrário, muitos participantes evangélicos rejeitaram explicitamente a mistura de política e religião, inclusive defendendo o caráter laico do estado.

Representação política de negros

No que toca a discussão sobre esse tema, o nível de desinteresse e desinformação dos evangélicos foi similar ao dos brancos e bem maior do que o de pretos e pardos, ainda que houvesse vários negros nos grupos evangélicos.

Dito isso, no geral o perfil das respostas dos evangélicos foi similar ao dos outros grupos, com a maioria dos participantes aderindo ao racismo e ao preconceito social contra os negros como principal motivo de sua representação. Contudo, os evangélicos se destacaram por optarem com mais frequência pela falta de recursos e oportunidades para negros se tornarem candidatos.

Quando foram discutidas as consequências de uma maior representação negra na política, os evangélicos mais uma vez mostraram um perfil de respostas similar ao dos brancos, preferindo a opção do combate ao racismo e ao preconceito racial. Em segundo lugar, escolheram a facilitação do acesso de mais negros à política por meio do exemplo,

seguindo o argumento de que o negro eleito mostra que é possível chegar lá. Essa opção, minoritária nos grupos de pretos e pardos, foca no aspecto motivacional e individual do problema e deixa de considerar os obstáculos coletivos, institucionais e estruturais que se interpõem às candidaturas negras.

Por fim, assim como os brancos, deram pouca importância à melhoria das condições de vida dos negros, como provável consequência da eleição de mais políticos negros.

Cotas raciais

Diferentemente dos outros grupos, que se mostraram claramente favoráveis às cotas raciais, – inclusive os brancos –, entre os evangélicos preponderou as opiniões contrárias, ainda que por estreita margem.

No âmbito mais estrito dos argumentos favoráveis, os participantes evangélicos optaram basicamente por dois deles, o da igualdade de oportunidades e o da reparação histórica, sendo o primeiro utilizado com frequência 3 vezes maior do que o segundo.

Já no que diz respeito aos argumentos contrários, os evangélicos introduziram na pesquisa falas de defesa explícita da meritocracia, ou seja, que as cotas raciais devem ser rejeitadas pois violam esse princípio. Como explicamos seção acima, o raciocínio parte da premissa individualista de que o sucesso que as pessoas obtêm em seus projetos na vida é exclusivamente produto de seu esforço individual e da premissa de que todos são iguais em suas potencialidades. Assim, aquele que escolhe se esforçar mais que os outros, conquista seus objetivos, e portanto os merece. Essa concepção é infensa ao reconhecimento de obstáculos estruturais e institucionais que incidem desigualmente sobre os resultados que as pessoas obtêm de seus projetos de vida.

Ensino da história e cultura afrobrasileira

Neste caso o perfil das respostas dos participantes evangélicos foi similar ao dos brancos. Ambos mostraram maior desconhecimento sobre a existência da lei e menor interesse pelo assunto em geral. Ambos deram menor importância ao fato desse ensino ocorrer desde o começo da vida escolar, algo muito enfatizado por pretos e pardos. Assim como os brancos, evangélicos deram menor atenção à promoção da autoestima e do orgulho negro. E, mais uma vez de modo similar aos brancos, apostaram mais no combate ao racismo como potencial consequência benéfica da real implantação dessa política pública.

Desilusão com a política

Os grupos de evangélicos demonstraram, no geral, uma grau de desilusão com a política semelhante aos dos outros grupos.

Política e religião

O roteiro dos grupos evangélicos continha uma sessão sobre política e religião, cujos resultados não podem ser comparados ao dos outros grupos que não debateram o assunto.

Vários participantes manifestaram forte rejeição à «mistura» entre política e religião, com alguns expressamente declarando que em suas igrejas isso não existia. Contudo, outros manifestantes relataram ativismo político de pastores e discussões políticas em encontros da igreja e em grupos de WhatsApp de fieis, dos quais participam.

9. Conclusão

Os resultados apresentados neste segundo relatório aprofundam a análise da dimensão racial do comportamento político do eleitorado brasileiro, revelando padrões consistentes e, ao mesmo tempo, tensões significativas nas percepções sobre igualdade racial, representação política e escolha eleitoral.

No que diz respeito às cotas raciais, o tema foi o que gerou maior dissenso entre os participantes, ao contrário do ensino da história e cultura afro-brasileira e da representação política de negros, que receberam apoio mais consensual. Ainda assim, o apoio às cotas foi aproximadamente duas vezes maior do que sua rejeição. O argumento central dos favoráveis foi o da criação de oportunidades — mencionado três vezes mais do que a reparação histórica —, enquanto os opositores concentraram suas críticas na suposta violação do princípio da igualdade, frequentemente associada a uma lógica meritocrática que ignora as desigualdades estruturais de ponto de partida. Chama atenção o fato de que a oposição às cotas foi mais intensa entre participantes com pouco contato com o mundo universitário, sugerindo que a familiaridade com a educação superior é um fator determinante na formação de atitudes mais favoráveis a essas políticas.

O ensino da história e cultura afro-brasileira foi, dos três tópicos do módulo racial, o que despertou maior entusiasmo e adesão, especialmente entre os participantes negros. O argumento mais recorrente foi o de que esse ensino deveria começar desde a infância, tanto para construir a autoestima e a consciência racial das crianças negras quanto para combater o racismo e os preconceitos inculcados nas crianças brancas. É revelador que grande parte dos participantes desconhecia a existência da Lei 10.639/2003 — o que por si só atesta o fracasso de sua implementação —, mas ao ser informados sobre ela manifestaram apoio entusiasmado.

O experimento eleitoral revelou que, ao serem colocados diante de escolhas concretas, os participantes pretos e pardos mantiveram preferência clara pelo candidato defensor das cotas raciais tanto em relação ao candidato do bairro quanto em relação ao da segurança pública, embora a margem tenha sido bem menor no segundo caso. Esse resultado sugere que, apesar das ambivalências discursivas, as cotas funcionam como uma pauta politicamente mobilizadora para o eleitorado negro quando confrontado com escolhas reais.

As análises comparativas por raça, idade e religião revelam heterogeneidades importantes. Os pardos maduros emergiram como o subgrupo mais reticente em relação às cotas, mais propenso a votar no candidato do bairro ou da segurança, e

simultaneamente o mais desiludido com a política — configurando um perfil de ceticismo tanto em relação à política de ação afirmativa quanto em relação à representação política em geral. Os pretos maduros, por sua vez, mostraram o perfil de maior adesão às cotas e maior intensidade na preferência por políticas raciais em detrimento da segurança. Os jovens, independentemente da cor, mostraram-se ligeiramente mais favoráveis às cotas e mais propensos a utilizar o argumento da reparação histórica do que os mais velhos, que tenderam a enquadrar seu apoio na lógica do «mal necessário».

Os evangélicos constituíram o único grupo em que os contrários às cotas raciais superaram os favoráveis, ainda que por margem estreita. Esse grupo se destacou também pela mobilização explícita do discurso meritocrático e pela maior indiferença ao ensino da história afro-brasileira, perfil que em vários aspectos se aproxima ao dos participantes brancos. A questão da mistura entre política e religião dividiu os grupos de evangélicos ao meio, mas quando perguntados se levam em conta a religião do candidato na escolha do voto, as respostas positivas foram três vezes mais frequentes que as negativas — indicando que a religiosidade opera como um critério eleitoral relevante para parcela expressiva desse eleitorado.

A desilusão com a política, por fim, atravessou praticamente todos os grupos focais como um leitmotiv espontâneo. Expressa sobretudo como desconfiança generalizada nos políticos e percepção de distância entre representantes e representados, essa desilusão precede a discussão sobre questões raciais e deve ser compreendida não como consequência do racismo estrutural — embora com ele se articule —, mas como produto de um ciclo histórico de frustração com a política institucional, intensificado pelo impacto da onda lavajatista e pela eleição de Bolsonaro.

Em conjunto, os resultados deste relatório indicam que raça é uma clivagem politicamente relevante no eleitorado brasileiro, mas sua ativação é mediada por variáveis como idade, religião e grau de contato com a educação superior. A agenda da igualdade racial tem potencial de mobilização eleitoral — como evidencia o experimento —, mas ainda opera em um contexto de baixa salência, desinformação e

Referências

CAMPOS, Luiz Augusto, and MACHADO, Carlos. 2020. **Raça e eleições no Brasil. 1a edição.** ed. Porto Alegre, RS, Brasil: Editora Zouk.

SOUZA, Amaury de. 1971. **Raça e política no Brasil urbano.** Revista de Administração de Empresas 11 (4):61-70.

SOARES, Gláucio Ary Dillon; SILVA, Nelson do Valle e. 1985. **O Charme Discreto do Socialismo Moreno.** Dados 28 (2):253-273.

MITCHELL, Gladys. 2009. **Identidade coletiva negra e escolha eleitoral no Brasil.** Opinião Pública 15:273-305.

BUENO, Natália S., and DUNNING, Thad. 2017. **Race, Resources, and Representation: Evidence from Brazilian Politicians.** World Politics 69 (2):327-365.

HASENBALG, Carlos, and SILVA, Nelson do Valle. 1988. **Estrutura social, mobilidade e raça.** Rio de Janeiro: IUPERJ; Hasenbalg, Carlos A. 1979. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. 2006. **Classe, raça e mobilidade social no Brasil.** Dados 49 (4):833-873.

DAFLON, Verônica Toste; CARVALHAES, Flávio, and FERES JÚNIOR, João Feres. 2017. **Sentindo na Pele: Percepções de Discriminação Cotidiana de Pretos e Pardos no Brasil.** Dados 60 (2):293-330.

Como citar

Feres Júnior, João & de Paula, Carolina. **Raça e voto 2022: Percepções do eleitorado brasileiro. Parte II.** (GEMAA; LEMEP), IESP-UERJ, 2026, p. 1-31.